

LEONARDO MOTA NETO

Educação Presidencial

CORREIO BRASILENSE

14 JUL 1969

Ministros sairão do Congresso

Os candidatos à sucessão presidencial já têm uma certeza consensual: se ganharem as eleições, vão tirar seus ministros da área econômica do Congresso Nacional. Nenhum deles desejará se entropar a um Poder que aprovou a Lei de Diretrizes Orçamentárias — e que poderá gerir a economia de escassez nos primeiros anos do próximo governo, com base em retoques na lei do orçamento. Parlamentares como José Serra, Cesar Maia, Francisco Dornelles, Delfim Netto, Osmundo Rebouças, Luis Roberto Ponte, Plínio de Arruda Sampaio e alguns outros formam uma nova casta de políticos, iniciados nos trâmites da LDO, e serão a classe ante a qual o futuro governo terá de prestar vassalagem. Independentemente de seus partidos e origens doutrinárias — uns à esquerda, outros no extremo conservadorismo — serão eles os donos da decisão orçamentária. E não se pense que as diferenças ideológicas funcionarão como fator divisionista: pelo objetivo maior da imposição da prerrogativa do Congresso Nacional, eles estarão sempre solidários, como se fossem membros de uma só e harmônica família.

O futuro presidente terá que ceder a essa nova realidade, se quiser trabalhar em paz. Tal opção implica a admissão de um lobby permanente do Governo junto ao Congresso, aos integrantes de sua Comissão Mista de Orçamento, e a parlamentares das comissões que lidam com o fato econômico-financeiro no Senado e na Câmara. Deve-se

acrescer a particularidade de que o governo que virá vai ter de adotar novas fórmulas de abordagem parlamentar, deixando de lado a cantilena do poder pelo poder — concessivo e fisiológico — para entrar na era das formulações técnicas bem estruturadas. Os assessores parlamentares do Palácio do Planalto e dos ministérios se estarão ombreado com parlamentares de primeira categoria profissional e honradez pessoal, tornando difícil o diálogo sobre a partilha de facilidades do poder.

O próprio presidente, não desejando abrir de saída uma crise de enfrentamento com o Congresso, deverá tentar menos o golpe institucional, para se tornar ditador, do que um proselitismo junto aos parlamentares para aceitação do regime híbrido que nos comanda, dele tirando partido pelo diálogo e negociações. Nesse plano, o governo, para ser bem-sucedido, deverá apresentar como suas principais marcas a paciência e a habilidade de negociação. Seus ministros precisarão ser prudentes e práticos, deixando de lado a retórica folgazã empregada por alguns dos atuais ministros. Daí que a equipe econômica, ou sua liderança, fatalmente será constituída com as novas lideranças econômico-orçamentárias do Congresso. O novo presidente ganhará tempo, contornará crises — e, o que é melhor, levará o seu lobby para dentro da casa, deixando de ser mais um na multidão de lobistas que infestam os corredores do Poder Legislativo.